

## O Sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico

**Claudia Alves Jacob**

Psicanalista. Mestranda do programa de pós graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes. Especialista em Psicologia clínica – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

End.: R. Conde de Bonfim, 375/808. Tijuca. Rio de Janeiro -RJ CEP.: 20520-051.

E-mail: jacob.claudia@hotmail.com

**Ruth Helena Pinto Cohen**

Psicanalista, professora Adjunta do curso de pós-graduação do Instituto de Psicologia (UFRJ) e da Escola de Educação Física e Desportos (UFRJ), Coordenadora do Projeto Brincante (IPPMG-UFRJ) e autora do livro “A lógica do Fracasso Escolar: psicanálise & educação”.

End.: R. Pompeu Loureiro 98, apto 202, bl A. Copacabana, RJ.

E-mail: ruthcohen@uol.com.br

### **Resumo**

*Este trabalho é uma tentativa de contextualizar a importância da cultura e do pai na constituição do sujeito. Para tal, utilizamos como pano de fundo o texto freudiano de 1913, Totem e Tabu, somado à contribuições de autores contemporâneos. Articulando a figura*

*do pai com as polêmicas do século XXI, almejamos apresentar um recorte de seus reflexos no sujeito contemporâneo. Entendemos que os paradigmas do início do século passado justificavam a rebeldia dos jovens, mas o século XXI traz em seu cerne uma nova visão de mundo, uma mudança discursiva. Hoje, não há mais tempo para elaboração dos lutos, pois é preciso responder às exigências culturais imediatamente. O Outro que norteava o caminho até o início do século passado, já não é tão consistente. Segundo Lacan, o mestre antigo foi subvertido e em seu lugar encontramos o mestre contemporâneo que, ao mesmo tempo em que promete a completude, caso o sujeito consuma seus produtos, fomenta o isolamento e o sofrimento, tornando as relações humanas cada vez menos significativas; enfim, desmente a falta inerente ao homem, prometendo a felicidade total, impossível de ser atingida. Do que foi posto nos perguntamos quais serão as conseqüências de tamanhas exigências pulsionais e encontramos em Freud alguns encaminhamentos.*

*Palavras-chave: Contemporâneo. Pai. Laços sociais. Cultura. Discurso capitalista.*

## **Abstract**

*This production is an attempt to contextualize the importance of the culture and the father in the constitution of the subject. For this purpose, we utilized as our basis the 1913 Freudian text, Totem and Tabu, in addition to other contemporary authors' contributions. We desire to present a clipping of the father's reflection on the contemporary subject, articulating his image with the XXI century polemics. It can be understood that the patterns of the beginning of the last century justify the youth rebelliousness, however the XXI century brings a new world vision, a discourse change. Nowadays, there isn't any time for mourning elaborations, since the cultural demands require immediate responses. The Other, who guided the path until the beginning of the last century, is no longer consistent. Lacan said that the ancient master was subverted, changing places with the contemporary master, which at the same time that promisses the completeness if the subject consumes his products, incites isolation and suffering, transforming human relations into*

*less significant ones, that is, contradicts the inherent man's absence, promising the total happiness that is impossible to achieve. With the previous words in mind, we can ask ourselves which will be the consequences of this extinct demands be, and we can find at Freud some conduction.*

*Keywords: Contemporary. Father. Social ties. Culture. Capitalistic speech.*

## **O Sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico**

### **1. Introdução**

Na metade do século passado o jovem em sua rebeldia empunhava bandeiras, gritava palavras de ordem, tinha planos para a reforma da educação e da sociedade, sonhos e utopias. Havia uma forte hierarquia, o que justificava tal rebeldia. Temos como exemplos o movimento hippie, o movimento estudantil na França, “os caras pintadas” que reivindicavam eleições diretas no Brasil etc. O jovem da geração 2000 é diferente. Hoje, no lugar da contestação ao modelo instituído, temos a “reinvenção” do fracasso escolar, as armas nas escolas e o menosprezo e desinteresse pelo saber orientado. As soluções que serviam há mais de cinquenta anos já não valem mais. Pensar que castigos e palmadas resolvem o mau comportamento é ilusão. É necessário redescobrir a clínica, a pedagogia e a justiça. E tanto melhor se pudermos aprender com os jovens que sofrem na própria pele as mudanças da contemporaneidade, que arquitetam soluções insólitas para as questões que se apresentam. É a transformação da era industrial para a era da informação. O discurso do mestre, paradigma do ideal e tal como foi concebido por Lacan em seu estatuto de avesso da psicanálise, já não dá conta das questões impostas pela sociedade atual, pois ao ser subvertido pelo discurso capitalista trouxe inúmeras conseqüências que desafiam a psicanálise.

Diariamente nos deparamos nos jornais com uma ou mais notícias sobre o envolvimento de jovens em verdadeiros dramas policiais e com forte ligação ao consumo de drogas lícitas ou não e, em muitos casos, chegando ao extremo da violência - a morte.

E nos perguntamos de onde vem tanta agressividade? Há pouco tempo um caso em especial, causou grande polêmica. Cinco jovens de classe média terminaram a noite de divertimento agredindo uma empregada doméstica na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Como defesa, alegaram terem-na confundido com uma prostituta, como se isto justificasse tal violência. O pai de um dos acusados, em declaração à imprensa, diz: “Existem crimes piores (...) queria dizer à sociedade que **nós pais, não temos culpa**. Mas não é justo manter presas crianças que estão na faculdade, estão estudando, trabalham. Não concordo com a prisão na Polinter, ao lado de bandidos”. Como castigo para a atitude do filho, o pai defende uma surra que ele mesmo daria, e ainda continua, “Sirley é mais frágil por ser mulher, por isso fica roxa com apenas uma encostada” (grifos nossos, *Jornal O Globo*, 26/06/2007).

Diante de tais declarações, nos questionamos: que valores são passados por este pai? Certamente a severidade da autoridade paterna não equivale rigorosamente à severidade do supereu, mas por trás da origem deste “jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com os pais em sua própria pré-história pessoal”. (Freud, 1923/1996a, p. 33, tradução livre); e mesmo após o desfecho do complexo de Édipo há uma intensificação desta identificação. O que transmite esse pai em sua fala ao não se responsabilizar pela atitude do filho, diminuindo a gravidade do ato e descaracterizando-o como crime? Encontramos, aí, um paralelo no dizer dos jovens acusados de terem confundido a empregada doméstica com uma prostituta e no dizer do pai sobre a fragilidade física da mulher. O corpo que vende o prazer é o mesmo que fica roxo facilmente, pois é muito frágil. Em outro caso, no interior de São Paulo, uma merendeira foi pisoteada por alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série de uma das mais importantes escolas estaduais da cidade. A funcionária quebrou os dois braços e sofreu vários outros ferimentos (*Jornal O Globo*, 07/07/2007). Quem são esses jovens? A que valores estão referenciados? Quem é esse pai contemporâneo?

Queimar índio? Bater em prostituta? Que preço tem uma vida? Isso nos remete ao narcisismo das pequenas diferenças, fundante da discriminação e do racismo. Lembremos que no século XVIII infligir dor ao corpo como forma de punição e suplícios

públicos estava em voga; no século XIX torna-se tabu, passa a ser considerado barbárie. Constata-se uma virada no modelo disciplinar. Os castigos têm como finalidade não mais a dor física, mas a correção e reeducação do condenado, e para isso as penas devem ser impostas sem que o corpo sofra. A preocupação pelo bem estar do sentenciado deve estar presente. Não é mais o *corpus*<sup>1</sup> que é disciplinado, mas sim a *anima*<sup>2</sup> (Foucault, 1987).

Em **Psicología de las masas y análisis del yo** Freud (1921/2007a), fala de três modalidades de identificação. Destacaremos uma, ao pai, como ideal do eu, anterior ao Complexo de Édipo, que é acompanhada pelo investimento em relação à mãe como objeto sexual. O menino ao perceber que o pai está em seu caminho, no que diz respeito à mãe, rivaliza com ele e quer tomar o seu lugar junto a ela. É o fundamento do amor, mas precisa do ódio para se sustentar. Poderíamos pensar no episódio acima citado que, com as dificuldades identificatórias, impostas por um Outro inconsistente, possibilita a passagem ao ato quando há impossibilidade de identificação com o pai morto, simbólico, vetor de orientação e promotor da lei e do desejo. Hoje o ideal paterno se pluralizou já que existem muitas figuras de pais, segundo Carlo Viganó<sup>3</sup> (1999), “não somente os pais da família, como também os da sociedade. Há muitos saberes, autoridades, na vida da criança. E aí situamos um ponto de tensionamento – quando uma autoridade se multiplica, ela se enfraquece” (p. 9).

No mundo globalizado há a homogeneização dos grupos que se sobrepõem à singularidade do sujeito, então, a subjetividade entra em crise. Os paradigmas dos grupos sociais isolados passam a ser questionados. Ocorre uma tendência à uniformidade das culturas que se expressa na linguagem, nos hábitos, em expressões estéticas de comportamento, atravessando o cotidiano. No cenário onde os limites não são muito claros, se por um lado, as exigências se estenderam e o sujeito é obrigado a consumir os produtos gerados pelo capitalismo para poder adequar-se aos padrões vigentes, por outro, os limites afrouxaram, como no caso da não repressão sexual. Como consequência, a cultura contemporânea não segue mais os modelos comportamentais da modernidade e com isso traz novos desafios ao analista cidadão, inscrito nos problemas da *polis*.

## 2. O desabrochar da cultura e o pai

Em 1913 (1994) Freud publica o texto **Tótem y tabú**, e uma das questões centrais diz respeito à obediência às leis que garantem a linguagem e a cultura, isto é, que asseguram o laço social com a proibição do incesto e do assassinato. Resumidamente, o mito versa sobre um pai que proíbe os filhos ao acesso a todas e quaisquer mulheres, fazendo com que estes se revoltem e matem-no, devorando-o em uma tentativa de incorporar seu poder e sua força. Contudo, o ato não garante a possibilidade de os filhos ocuparem o lugar do morto, paradoxalmente, como assinala Lacan (1970), é a partir desse acontecimento que “se edifica a interdição do gozo”. (p.113) A lei surge através - ou por causa - de uma contingência, se não houvesse a proibição como conseqüência do assassinato, a civilização não teria se instaurado. E a partir do lugar vazio deixado pelo pai, a cultura é fundada.

A lei estabelecida não retroagiu para punir; a punição ficou no âmbito subjetivo com o surgimento da culpa que, até hoje, insiste em existir. Disso temos testemunho, através do mal-estar que os homens carregam e, que por sua vez, é expiado no mito, pela reverência e a subserviência ao pai morto. Assim, a lei do pai contra o incesto é reafirmada e, inclui-se outra quanto ao assassinato. A responsabilidade pela morte do pai é distribuída e se dilui entre os filhos.

Conta o mito que o pai morto é elevado, pelos filhos, à categoria de um totem na tentativa de dar conta do desamparo em que se encontravam. Nas tribos, o totem é representado por um animal que é cuidado e reverenciado por todo o clã. Em determinadas ocasiões, os animais representantes do totem são mortos e devorados dentro de festivais ritualísticos, mas como vimos não é sem custo, pois existe a culpa. E por causa dela, o totem é homenageado e pranteado. Todos os participantes do clã devem comer parte da carne do animal morto simbolizado na tentativa de incorporar sua força e, ao mesmo tempo, repartir a culpa por sua morte. Entretanto, a morte do pai também é festejada. Os rituais são expressões do remorso e, paralelamente, a recordação do triunfo da força dos filhos sobre o pai, mas, verdadeiramente, quem triunfa é o pai morto; sua morte o deixa mais forte.

A lei funda o desejo. Mas o que funda a lei? Por que os filhos matam o pai no mito? Diríamos que é para poder gozar das mulheres proibidas e por ódio àquele a que tudo era permitido. Entendemos que após o assassinato, esvai-se o ódio e o que fica é o amor, e o amor ao pai traz o remorso. O pai totêmico passa a ser idealizado, transformado em ideal do eu. Outra questão se impõe: se antes do assassinato não havia lei e se esta só é fundada a partir do assassinato do pai, como é possível dizer que é um crime quando não havia lei? Há crime sem lei?

Sabe-se que o mito é constituído de conteúdos que têm uma lógica própria, no entanto, entendemos que existem no Totem e Tabu muitas falhas conceituais. Mas este furo não o invalida, pois sua função está para além de simplesmente contar uma história. Sua utilidade está em encarnar uma verdade que não pode ser dita, algo do âmbito do real, através de seu conteúdo aparentemente latente e manifesto. Segundo Lacan (1970/1992) a verdade não se dá a conhecer por inteiro. Ela só pode ser meio dita, e através do mito se pode saber alguma parte da verdade. O foco do mito é o antagonismo entre a pulsão e as exigências da civilização, um mal necessário que impõe limites à agressividade intrínseca do homem.

No final de seu estudo sobre a origem da religião, Freud nos diz que não importa se realmente houve o assassinato. O fundamental - o que conta - é a realidade psíquica, ou melhor, se houve a vontade de matar, o “impulso de hostilidade contra o pai, à existência de uma fantasia plena de desejo de matá-lo e devorá-lo” (1913/1994, p. 161, tradução livre), isso já seria o bastante para a produção do totemismo. Alguns autores indicam que o totemismo está em decadência na sociedade moderna, mas, a busca pelos limites está aí marcada, por exemplo, pela idealização por parte dos jovens dos chefes de grupos marginais que impõem seu gozo perverso. Seria isto a morte do pai simbólico e o ressurgimento de um pai real, não aquele representante da lei, mas a encarnação de um pai semelhante ao da horda primeva?

Freud, transcrevendo Frazer, diz: “A lei só proíbe os seres humanos de fazer aquilo a que suas pulsões os inclinam” (1913/1994, p.126, tradução livre), em outras palavras, se os homens não fossem propensos à transgressão, não seria necessária a lei, pois não

existiriam crimes. A lei é instaurada para conter o gozo, para que nenhum filho gozasse como o pai, nenhum filho ocupasse este lugar vacante, pois se assim o fizesse, estaria fadado a ser assassinado também. Então, o que há antes da instalação da lei? O gozo aqui deve ser entendido como a repetição, da qual Freud nos fala em **Más allá del principio de placer** (1920/2007b).

Para o fundador da psicanálise (1931/1996b), a lei do pai se estabelece em função do drama edípico e do complexo de castração. A partir daí cria a possibilidade daquele que cumpre a função paterna, introduzir a proibição, isto é, a lei responsável pelo nascimento do supereu. Em outras palavras, o supereu é o resultado da internalização das exigências e das interdições, a partir das quais principiam “todos os processos que tem por meta a inserção do indivíduo na comunidade cultural” (Freud, 1931/1996b, p. 263, tradução livre). De acordo com o autor, aqui está uma das fontes do sentimento de culpa, já que não se pode ocultar do supereu, os desejos. A severidade do supereu é a continuidade da rigidez paterna, mas não devemos considerar a primeira inteiramente correspondente à segunda. O supereu e o ideal do eu são uma parte do eu modificado (Freud, 1923/1996a).

Na conferência XXXI (1932/1996c), Freud nos fala que, na formação do supereu, as crianças também sofrem influências daqueles que tomam o lugar dos pais - professores, educadores - sujeitos apreendidos como modelos ideais e, neste ponto, assinalamos a função da escola, hoje, tentando responder às demandas a ela dirigidas pela globalização. E, em alguns casos, transformando os alunos em objeto de gozo, aqui entendido como produzidos para atender a demanda da sociedade. É na criança que primeiro se refletem os problemas da sociedade contemporânea. Em um tempo onde aumentam vertiginosamente as exigências quanto às especializações e técnicas, vemos, através dos sempre novos projetos pedagógicos, paradoxalmente, a preocupação em não reprovar o aluno.

Em 1913 (1994), no texto, **El interés pedagógico**, Freud resalta a importância da figura do professor como fundamental para o aprendizado do aluno e, mais além, sublinha a importância daquele na relação futura do sujeito com o saber. Esta vinculação mestre / aluno nada mais é que a reedição da relação do infante com seus pais.

No contexto atual, que Lypovestky chama de hipermodernidade, a ordem primeira é gozar de tudo sem limites, e como consequência desta lógica de funcionamento discursivo surgem novas formas de subjetividades e consequentemente novos sintomas. Ou seriam antigos sintomas com novas roupagens?

“a suposição do pai se evidencia transmutada em sintoma (...) o particular dos sintomas revela que o pai não-todo (A\ ) se sobrepõe ao pai todo poderoso freudiano (...) em tempos hipermodernos, a sociedade não trata o pai como exceção, como nos demonstra a lógica lacaniana das fórmulas da sexualização, que fundaria o para todos.” (Cohen, 2006, p.2).

Pensando nas novas formas de se fazer sujeito na hipermodernidade retomamos do primeiro ensino de Lacan (1957/1995), a noção de função paterna que é um valor conceitual do mito freudiano, um dos quais se baseará para elaborar conceito de Nome-do-pai. São as leis que têm que ser cumpridas frente à cultura, que transcendem a biologia e marcam a subjetividade humana. Se a metáfora paterna não funcionar não há cultura, porém, existe algo na cultura que tenta burlar o tempo todo, as proibições do incesto e do assassinato. Nessa época de seu ensino Lacan faz uma releitura das instâncias paternas incluindo o pai imaginário, que é o que está em casa. “A ele que se refere toda a dialética, (...) a da agressividade, a da identificação, a da idealização pela qual o sujeito teria acesso à identificação ao pai” (1957/1995, p. 225). É a imagem do pai e sobre o pai simbólico o define como o pai da lei, da palavra, da ordem, representante de uma lei simbólica, promotora de desejo. Tratava-se da transmissão da lei edípica, da proibição do incesto, da lei moral, do supereu, herdeiro do complexo de Édipo.

O autor, nos anos setenta, ao ir além do Édipo, retoma o pai totêmico freudiano, pai real, gozador como o pai da exceção e do gozo sexual, que pode ser interpretado como a figura do “macho” que daria conta do desejo sexual da mulher. Esse operador estrutural, que guarda consigo o gozo, o pai morto, inaugura um sujeito no campo simbólico, que como efeito significativo, carrega consigo sempre uma face impossível de simbolizar.

### 3. O pai e os laços sociais

Ainda nos primórdios de seu ensino, Lacan (1938/2002) já nos aponta uma dupla e ambígua função que o pai desempenha na constituição do sujeito. Concomitantemente, ele encarna a autoridade: é proibidor; mas também é o mestre transmissor de ideais. A formação do supereu e o ideal do eu do sujeito não é o resultado do comportamento do progenitor, mas de uma transmissão subjetiva que o sujeito interpreta de um modo singular. Portanto, é a partir de certas contingências que o sintoma se produz.

Nem sempre o que se quer é o que se deseja. Este hiato impossível de ultrapassar pode ser explicitado na idéia de sintoma; em outras palavras, almejar não significa realizar. Através do sintoma pode-se tomar o mal pelo bem. Podemos encontrar exemplos disso nas compulsões, nas drogadições, no fracasso escolar etc. Freud nos fala da indestruibilidade do desejo e a prova disso está na repetição. Em **Más allá del principio de placer** (1920/2007b), texto no qual ele lança a teoria da pulsão<sup>4</sup> de morte, que trabalha silenciosamente podendo ser reconhecida, dentre outras expressões, através da agressividade direcionada ao objeto.

Ao tratar da formação psíquica do sujeito, Lacan (1954/1975), desenvolve o conceito de Estádio do Espelho, momento inaugural da formação do eu. É o período em que a criança ao tomar para si a imagem especular, tem como matriz o aparecimento do **eu** ainda em uma forma precária, isto é, a manifestação da imagem do corpo próprio anterior a identificação com o outro do espelho. Estádio, que indica um momento lógico, antes mesmo que a linguagem confira ao *infans* a função de sujeito, sendo este identificado ao objeto no desejo do Outro. Esta primeira forma do **eu** é que servirá de base às identificações secundárias. A criança vê sua imagem refletida e começa a vivenciar seu corpo despedaçado através de uma Gestalt ilusória de completude. Esse momento topológico poderá ressurgir, dentro de um processo de análise, nos sonhos e/ou nas manifestações somáticas da histeria.

A totalidade desta imagem só será reconhecida pelo olhar conferido de um Outro na constituição o sujeito. O sujeito - como promessa (criança)-vive a ilusão que a imagem do outro é dele. Isto é o que Lacan (1957/1995) chama de identificação primordial

com uma imagem ideal de si mesmo. A criança vive o devaneio de um dia poder se unir à imagem que é a formadora do eu, isto é, a projeção imaginária de si mesmo, ou se quisermos com Freud, identificar o narcisismo primário. Em suma, é o eu ideal que irá se submeter ao ideal do eu.

Do que foi posto, entendemos que a formação da cultura e do sujeito dependem da organização da lei. “Ali, em determinado ponto de ligação, especialmente aquele, absolutamente primeiro, do S1 ao S2, é possível que se abra essa falha que se chama sujeito” (Lacan, 1992, p.102).

As leis surgiram para regular as relações dos elementos de uma comunidade para o bem do grupo social, assegurando a harmonia do comportamento de cada um individualmente e também dos interesses coletivos. Em nosso século, com as novas condições econômicas (capitalistas), surgiram elementos de uma nova moral diferenciada e baseada na responsabilidade individual e globalizada. Os ideais que marcavam o caminho na era moderna foram destituídos. É neste mundo globalizado, onde quase tudo é permitido, que surge o sujeito, também chamado de pós-moderno, por alguns autores. Lipovetsky, diz que esta é a era da moda, porém as disciplinas não sumiram, apenas mudaram de face com o individual sobrepondo-se ao coletivo. Para o autor já não estamos mais no tempo da pós-modernidade, mas de uma hipermodernidade. O que marca a virada dos tempos é a ampliação do consumo das massas, isto é, o consumo deixa de ser exclusivo das classes privilegiadas e passa a corromper todas as outras.

Sabe-se que na contemporaneidade, as leis só são estabelecidas pela necessidade. Temos como exemplo as leis que surgem para regulamentar o uso da Internet. O avanço tecnológico que trouxe tantos benefícios ao sujeito, carrega também consigo muitos problemas, pois o mundo está globalizado e as fronteiras não tem limites, tudo é virtual e em tempo real (neste caso, não nos referimos ao real psicanalítico). Isto faz surgir debates sobre as proibições que devem ou não ser impostas.

Como podemos articular as leis do inconsciente com as leis da constituição de um Estado? A Constituição brasileira, por exemplo, reza que uma lei só pode retroagir para beneficiar e jamais para

punir, pois o que antes não era crime não pode ser imputável, se uma nova lei surgir tornando a conduta punível (artigo 5º, inciso XL).

Analisando as civilizações ocidentais observamos que, na medida em que as exigências sociais determinam a complexidade dos papéis adultos, aumentando a sofisticação tecnológica na sociedade, há uma tendência a se prolongar o período compreendido como adolescência e o desaparecimento dos ritos de passagem, tão valorizados nas sociedades tribais.

Estamos na época da comunicação virtual. A informação é efêmera, chega com tal velocidade e em tamanha quantidade que é impossível assimilá-la. As exigências da cultura contemporânea são de tal ordem que não há tempo para a elaboração necessária dos lutos. Quando se perde um ente querido, não há tempo-espaço para chorar a perda, a sociedade exige a volta ao trabalho num espaço mínimo de tempo. Não é possível preparar-se gradualmente para a nova realidade, ou seja, um tempo para compreender. Como resultado, surge a solidão, o isolamento, a desesperança e a depressão. Em suma, são os sintomas tão comumente encontrados na clínica de hoje.

Conforme Lacan (1969/2008), no discurso capitalista não há mais espaço para a falha. Nessa formulação, há reconhecimento da falta, mas também uma promessa de tamponá-la. O que é paradoxal, pois se por um lado agrega, por outro segrega, empurra o sujeito para o isolamento e, ao mesmo tempo, coloca-o em contato com o mundo, incentivando o conflito. O sujeito não tendo mais o Outro consistente para se apoiar, irá se identificar com o resíduo, com o objeto decaído do ideal. São os restos do banquete totêmico, o que sobrou do pai real - agente da castração.

Para nos referirmos ao discurso capitalista vamos tomar de empréstimo as teorias discursivas de Lacan. Ele formula quatro formas discursivas a partir de 1968, ou seja, em pleno movimento estudantil da França, onde houve uma profunda reforma no sistema educacional, trabalhando os discursos como fato de linguagem, onde há quatro lugares: agente, Outro, verdade e produto; que contigencialmente podem ser ocupados por quatro elementos: significante mestre (S1); o Saber (S2); o sujeito barrado (\$̣) e o objeto (a). Os discursos são as formas de laço social que estabelece-

mos desde que nos inserimos na cultura. Nestes laços, o agente, sustentado pela verdade, domina sobre os outros elementos da estrutura quadripartite, isto é, o elemento que ocupa este lugar é que define a modalidade do discurso, pois ele incide sobre o Outro, fazendo-o trabalhar para que produza algo.



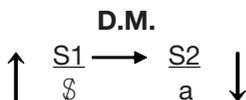
Entretanto, as relações sociais não são suficientes para calar a pulsão. Há sempre uma sobra, um resto pulsional, que servirá de motor para fazer o laço social mudar, o que nas palavras de Lacan, faz o discurso girar. Mas retomemos os elementos (S1, S2, \$, a). O S1 é o significante mestre, aquilo que representa um sujeito para um outro significante, o significante mais primitivo do sujeito; o S2 é o suporte do saber, “o campo próprio do escravo (Lacan, 1970/1992, p. 18), este escravo, para Aristóteles, é aquele que tem o *savoir-fair*, não faz parte de uma classe social, mas é “uma função inscrita na família” (idem, p.19); o \$ representa o sujeito dividido, marcado pela falta; o objeto a é o mais-de-gozar, tem o mesmo sentido da mais-valia que Max nos descreve, é ‘o a mais do trabalho’ que não pode ser precificado.

Os discursos podem dispensar as palavras, eles conservam sua força nas relações fundamentais que se utilizam necessariamente da linguagem para se estabelecer. Lacan (1970/1992) definiu esta relação fundamental como a relação de um significante com um outro significante. É desta relação advém o sujeito.

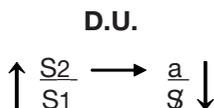
Para Lacan (1970/1992), a fragilidade do homem primitivo diante do mundo obrigou-o a unir-se para aumentar suas chances de sobrevivência. O trabalho adquiriu um caráter coletivo e, conseqüentemente, a coletividade tornou-se primordial à sobrevivência. A importância do trabalho perdura até hoje, “está fora de cogitação que não se trabalhe. Isso é um sucesso (...) do discurso do mestre” (idem, p. 160). É ele que assegura a ordem social, sustenta a ordem simbólica. Este primeiro discurso representa a relação de

mestria própria do laço social criado pela civilização. Pode-se começar por qualquer um dos discursos, mas Lacan apresenta este discurso em primeiro lugar em 1970 por razões históricas.

Ele inspirou-se nas leituras sobre o mito que Hegel escreveu na Fenomenologia do Espírito para falar do discurso do mestre. Na Fenomenologia do Espírito há uma luta de morte pelo prestígio, onde o perdedor, para salvar sua vida, abre mão de sua liberdade, tornando-se escravo, enquanto que o vencedor torna-se o senhor. Na leitura lacaniana este mito inspira a construção de uma estrutura quádrupla, que ele denomina de discurso do mestre, que pode ser lido da seguinte forma: o significante mestre (S1) é sustentado pelo sujeito (§) e se dirige ao saber (S2), para produzir algo (a). Em outras palavras, utilizando-nos da leitura hegeliana, quem detém o saber é o escravo que produz objetos para o senhor que nada produz, mas detém os meios de produção. Esta produção, segundo a leitura lacaniana, é o mais-de-gozar, um excesso.

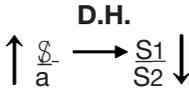


A dinâmica da estrutura dos discursos lacanianos mostra que com um giro de um quarto na estrutura surge o discurso universitário. Neste discurso o lugar dominante é ocupado pelo saber, “e que se chama, na linguagem corrente, burocracia.” (Lacan, 1970/1992, p. 29). Nesta relação discursiva, o Outro é um objeto (a). O agente é o S2 e a verdade escondida é o S1. O significante mestre (S2), que determina a castração, está recalcado no lugar da verdade, produzindo-se assim sujeitos “formados”. Esta produção pode ter duas vertentes, o sujeito conformista ou o sujeito revoltado, que protesta. Com este matema, Lacan indicou que a revolta estudantil não era por acaso.



O avesso do discurso universitário produz o discurso da histórica. Neste discurso o lugar dominante é ocupado pelo sujeito barrado. A histórica (§) coloca o Outro (S1) para produzir um

saber (S2) sobre sua verdade (a). O valor desse discurso está em introduzir a libido, a fala de amor, no laço social.

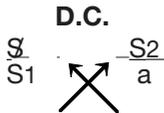


O desdobramento do discurso da histérica produz o avesso do discurso do mestre, aquele que Lacan nomeou de discurso do analista. Neste discurso, o agente é o objeto causa de desejo (a). Ele move o sujeito (§) que neste discurso ocupa o lugar de Outro e produz um saber sobre aquilo que o marca primordialmente: seu significante mestre. O saber do analista encontra-se no lugar da verdade, é sua teoria e sua experiência da própria análise. Fica recalçado, mas o sustenta em seu lugar.



Para Lacan, a contemporaneidade destitui o antigo mestre de seu lugar e a este lugar ascende um novo mestre, que fica representado pelo sujeito. Desta forma Lacan produz o que ele nomeia de discurso capitalista, entretanto, nos fala que este discurso não é propriamente um quinto discurso; é apenas uma inversão do discurso do mestre. Em outras palavras, a partir da revolução industrial, o significante mestre (S1) desaparece, desliza para o lugar da verdade, e no lugar antes ocupado por ele apresenta-se o sujeito barrado (§). Este discurso não faz laço social e por isso produz cada vez mais o isolamento.

A partir desta breve explanação, nos perguntamos se o pai, que na modernidade era o agente da castração, foi subvertido ao lugar da verdade, ficando esquecido sob a barra que o separa do acesso ao sujeito? Se o significante mestre como agente torna impossível a articulação do sujeito com o mais-de-gozar, a destituição do significante mestre do lugar de agente põe o sujeito dependente dos objetos de gozo. Este foi o discurso sobre o qual nos referimos anteriormente ao apontarmos como um discurso contemporâneo, onde a falta não tem lugar. É uma tentativa de laço social que tenta encobrir o vazio inerente à própria existência humana.



A partir dos discursos descritos acima como podemos pensar nos laços afetivos entre pais e filhos. Eles veem nos filhos a “oportunidade de satisfazer seu próprio narcisismo” (Nominé, 2001, p.37) tentando reencontrar através dos filhos o que um dia foram e em germe ainda são. A criança acaba por tornar-se objeto do narcisismo dos pais, fato necessário para que nela se imprima as marcas de um desejo, que não é anônimo. Quando isso não acontece, corre-se o risco do pai encanar o agente (§) do discurso capitalista e à criança de ocupar o lugar de objeto. Como consequência pode acontecer o que vemos pelas ruas de nossas cidades: crianças abandonadas, marginalizadas, violentas, violentadas, a serviço de poderes instituídos.

E a que isso nos levará? Freud (1927/1996d) equipara a tentativa de opinar sobre o futuro da civilização a uma profecia. A figura do pai foi relativizada? É o declínio da função paterna? Será que as exigências da contemporaneidade aumentaram tanto a tensão gerada entre o sujeito e a civilização e o que vemos hoje é resposta do homem aos sacrifícios impostos sem que haja uma compensação pela renúncia pulsional? Mas como responder ao ultimato contemporâneo tendo em vista que um saber nunca é completo? A verdade é não-toda revelada?

O sujeito com o qual a psicanálise opera, na contemporaneidade, é aquele que busca respostas imediatas para seu sofrimento. O homem hipermoderno precisa se satisfazer com objetos criados pela ciência e tecnologias de ponta para ser feliz. Não há como re-fabricar o sujeito freudiano, do mal estar, que fazia análise muitas vezes por semana, que tinha tempo para viver o luto pela perda do objeto perdido para sempre. Hoje estamos na era do objeto supostamente encontrável e, ao analista, cabe acompanhar esse novo *modus operandi* de um novo sujeito e talvez ter a possibilidade de ajudá-lo a reconhecer o mais íntimo e singular que constitui o seu *sinthoma*<sup>5</sup>. Esta talvez seja a nova forma de saber - fazer com o mal estar e a buscar saber sobre a responsabilidade que isso acarreta. Cabe ao analista, não recuar frente ao novo sujeito que se apresenta como uma função depreendida do discurso contemporâneo.

## Notas

1. Substância física, ou a estrutura de cada homem ou animal. (Cunha, 2007, p. 219).
2. Essência imaterial do ser humano. (Cunha, 2007, p. 32).
3. Seminário promovido pela Associação Mineira de Psiquiatria e pelo Instituto de Psicanálise e SaúdeMental de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no período de 23 a 26 de agosto/99. Anotações de Samyra Assad.
4. A pulsão é uma força que tem como fonte o corpo, move o sujeito em direção a um objeto subjetivo, isto é, varia de sujeito pra sujeito. O objetivo da pulsão é a diminuição da tensão.
5. Não tratamos, neste ensaio, dos conceitos de ser falante (parlêtre) e tampouco nos detivemos sobre a formulação sobre o sinthome.

## Referências

- Cohen, R. H. P. (2006, julho). O que fazer com os restos do banquete totêmico? *Revista Latusa Digital*, 23, 1-8. Recuperado em 10 dezembro 2010, da [http://www.anpad.org.br/rac/rac\\_guiia\\_apa.pdf](http://www.anpad.org.br/rac/rac_guiia_apa.pdf)
- Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988*. (2006). São Paulo: Saraiva.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Freud, S.(1994a). *Tótem y tabú: Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos* (Obras Completas, Vol. 13). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1994b). *El interés pedagógico* (Obras Completas, Vol. 13). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1996a). *El yo y ello* (Obras Completas, Vol. 19). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1923).

- Freud, S. (1996b). *Sobre la sexualidad femenina* (Obras Completas, Vol. 21). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1931).
- Freud, S. (1996c). *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras: Conferencia XXXI: La descomposición de la personalidad psíquica* (Obras Completas, Vol. 22). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1932).
- Freud, S. (1996d). *El porvenir de una ilusión* (Obras Completas, Vol. 21). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (2007a). *Psicología de las masas y análisis del yo* (Obras Completas, Vol. 18). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (2007b). *Más allá del principio de placer* (Obras Completas, Vol. 18). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1920).
- Lacan, J. (1975). *Seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1954).
- Lacan, J. (1992). *Seminário; Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1970).
- Lacan, J. (1995). *Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1957).
- Lacan, J. (2002). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1938).
- Lacan, J. (2008). *Seminário: Livro 16: De um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1969).
- Lipovetsky, E. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Nominé, B. (2001). A adolescência ou a queda do anjo. *Marraio: Da infância à adolescência*, (1), 35-44.

---

Recebido em 09 de janeiro de 2010

Aceito em 25 de fevereiro de 2010

Revisado em 18 de março de 2010